

09 lobo
11/6/97 Pg 1, 12 e 13
1518 AI. Sangra -

Gustavo Miranda



FAZENDEIRO DE BATINA: *Missionário faz de 1.448 reses o seu rebanho*

● Entre dois vaqueiros, o padre Sandro Giancola mostra seu rebanho na Fazenda Sangradouro, em General Carneiro (MT), a maior propriedade rural da Igreja Católica no país. Missionário salesiano, ele administra 1.448 reses (48 vacas leiteiras) e lavouras de arroz, milho e man-

dioca. Toda a produção é destinada aos 1.100 índios xavantes e bororos que habitam a área, de 11.210 hectares. A CNBB já tem listadas 41 fazendas da Igreja a serem destinadas à reforma agrária. As terras somam 87.665 hectares, o equivalente a 17 Vaticanos. **Páginas 12 e 13**

Deleido
11/6/97 cont.
1518

REFORMA AGRÁRIA: Governo só precisará regularizar a situação fundiária dos agricultores já residentes e repassar os créditos

Igreja oferece ao Incra 41 propriedades em todo o país

Terras somam mais de 87 mil hectares, permitiriam o assentamento de 3.500 famílias e a maior parte delas seria doada

Rodrigo França Taves

GENERAL CARNEIRO (MT). A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) vai apresentar ao Incra uma relação de 41 propriedades rurais da Igreja para serem destinadas à reforma agrária. De acordo com o levantamento, feito em todo o país a pedido da Pastoral Social da CNBB, as terras somam 87.665 hectares, área correspondente a um quinto do Distrito Federal ou 17 vezes a cidade do Vaticano. Boa parte das pro-

priedades será oferecida gratuitamente, sem a necessidade de desapropriação. O Governo só precisará regularizar a situação fundiária dos agricultores já residentes e repassar os créditos. Mas também haverá ofertas para venda e desapropriação de terras.

Algumas dioceses já iniciaram processos de doação com a ajuda das superintendências do Incra nos estados. A Diocese de Bacabal, no Maranhão, por exemplo, decidiu transferir terras para os lavradores que trabalham em

quatro fazendas que tinham sido adquiridas pela Igreja. Segundo o frei Frederico Zillner, administrador diocesano, pelo acordo com o Incra os agricultores receberão da Igreja títulos de posse intransferíveis por um certo tempo e do Governo o dinheiro do Programa de Crédito da Reforma Agrária.

— A idéia era criar cooperativas dos agricultores, mas não temos pessoal para isso. Queremos que cada um ganhe seu lote, sem poder negociá-lo — diz Zillner. Em Bacabal, a maior fazenda

tem 4.760 hectares e 170 famílias de lavradores. As outras três, mais 220 famílias. A diocese continuará administrando só uma fazenda-modelo de 50 hectares.

As terras relacionadas pela Pastoral Social da CNBB têm 500 hectares ou mais e estão sendo oferecidas por decisão de cada diocese ou congregação religiosa. Se se interessar por todas, o Incra poderá assentar cerca de 3.500 famílias. Nessas terras, até hoje a Igreja combinou experiências bem-sucedidas (como a de Baca-

bal) com incursões fracassadas. Os Irmãos Maristas de Belo Horizonte se arrependem de comprar há 20 anos uma área de 3.618 hectares em Jaíba (MG). Na relação da Igreja, a terra é oferecida para venda e tem seu aproveitamento classificado de parcial:

— Na época, o preço era bom e compramos como investimento, mas hoje a área é um peso sob todos os aspectos, econômico, financeiro e social. Estamos tentando vendê-la há oito anos — diz o irmão Vicente Falqueto.

Há na relação áreas já oferecidas ao Incra anos atrás, sem que tivesse havido resposta. Desde 1986, os Irmãos da Sagrada Família, de Passo Fundo (RS), esperam uma resposta para a oferta de uma propriedade de 500 hectares em Barra do Garças, no Mato Grosso. A superintendência do Incra não se pronunciou. O mesmo problema enfrentam as Irmãs da Divina Providência, de Porto Alegre, que protocolaram no Incra de Cuiabá um processo de venda de 500 hectares em Tuparah. ■

Entre as áreas listadas, muitas já são produtivas

Em Balsas, no Maranhão, experiência comunitária com sem-terra é tida como exemplo de sucesso

GENERAL CARNEIRO (MT). Nem todas as terras oferecidas pela Igreja ao Incra são improdutivas. Boa parte delas tem aproveitamento pleno. Em Balsas, no Maranhão, os missionários combonianos consideram um sucesso a experiência comunitária realizada com trabalhadores sem-terra em quatro propriedades adquiridas de fazendeiros, numa tentativa de amaiar os problemas sociais da região. De acordo com o relatório elaborado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), as áreas já foram doadas aos lavradores e agora resta apenas a fase de regularização dos títulos de propriedade.

— Os trabalhadores plantam arroz, milho, feijão e mandioca nessas terras. Numa delas, dom Rino Carlesi (o bispo local) comrou até um trator para ajudar no trabalho. Falta só o processo de parcelamento da área — informa padre Pedro Pontes, vigário-geral de Balsas.

Entre as áreas oferecidas, há uma de oito mil hectares

Entre as terras a serem oferecidas está a segunda maior propriedade da Igreja Católica no país: uma fazenda de 8.505 hectares, em Eirunepé, no Amazonas. A maior área da Igreja, a Fazenda Sangradouro, em General Carneiro (MT), não está à disposição porque nela os missionários salesianos dão assistência social desde o início do século a 1.100 índios xavantes e bororós, que moram em quatro aldeias instaladas na propriedade. Os salesianos também mantêm na fazenda uma escola bilíngüe (português-xavante) e um posto de saúde.

Situação diferente de Eirunepé. Lá, o pároco, o alemão Antônio Cremer, de 82 anos, da Ordem dos Espiritanos, já administrou até uma serraria com 35 empregados e uma olaria. Mas atualmente

diz estar pondo a propriedade à venda porque não tem mais como cuidar dela. Com o dinheiro, a paróquia vai construir mais uma igreja num bairro da periferia, Santo Antônio:

— Não dá mais para sustentar 35 trabalhadores na serraria. Arrendei a serraria para um grupo de pessoas que está pagando aluguel e vendi uma parte da terra. A cooperativa que vendia os alimentos faz tempo que não funciona — diz ele, sem esconder a decadência do empreendimento agropecuário. Eirunepé, às margens do Rio Juruá, em plena Floresta Amazônica, só é acessível de barco ou avião.

Há propriedades compradas recentemente entre as listadas

Algumas propriedades foram adquiridas recentemente pela Igreja para o assentamento de agricultores sem-terra e estão sendo oferecidas de graça ao Incra. É o caso dos 1.500 hectares pertencentes à Diocese de Florianópolis no município de São João do Piauí (PI). Das 41 propriedades a serem oferecidas pela Igreja, duas — localizadas no município de Bagre, no Pará — não estão relacionadas no documento elaborado pelo Ceris como passíveis de utilização na reforma agrária.

Somente depois do levantamento ter sido concluído, dom José Luiz Azcona, da Prelazia de Marajó, decidiu cedê-las gratuitamente para o assentamento de trabalhadores rurais. Ambas estão entre as dez maiores terras da Igreja no país.

— As duas terras foram doadas há dois anos para a prelazia por um espanhol que vivia aqui e voltou a morar na Europa. Elas ficam a 48 horas de barco desde Belém, na beira do Rio Jacundá. É difícil e demorado chegar até lá, mas as áreas estão cheias de árvores de valor que podem perfeitamente ser exploradas — afirma o frei João, da Prelazia de Marajó. ■

AS 41 PROPRIEDADES RURAIS

Localização	Área	Proprietária	Aproveitamento atual	Forma indicada para alienação
Eirunepé (AM)	8.505 ha	Diocese de Cruzeiro do Sul	parcial	venda
Bagre (PA)	8.000 ha	Prelazia de Marajó	nenhum	cessão gratuita
Bagre (PA)	6.164 ha	Prelazia de Marajó	nenhum	cessão gratuita
Cruzeiro do Sul (AC)	5.500 ha	Diocese de Cruzeiro do Sul	nenhum	desapropriação
Bacabal (MA)	4.760 ha	Diocese de Bacabal	pleno	cessão gratuita
Piracuruca (PI)	4.340 ha	Diocese de Parnaíba	parcial	venda ou desapropriação
Jaíba (MG)	3.618 hec	Irmãos Maristas (BH)	parcial	venda
Canindé (CE)	3.606 ha	Arquidiocese de Fortaleza	parcial	cessão gratuita
Sousa (PB)	3.537 ha	Irmãs da Nossa Senhora da Glória (RE)	pleno	venda ou desapropriação
Moju (PA)	3.000 ha	Congregação dos Rogacionistas (SP)	nenhum	desapropriação
Santarém (PA)	2.600 ha	Padres de Santa Cruz (Campinas)	pleno	venda e cessão gratuita
Diamantino (MT)	2.543 ha	Diocese de Diamantino	parcial	desapropriação
Sambaíba (MA)	2.368 ha	Diocese de Balsas	parcial	desapropriação ou venda de parte
Santarém (PA)	1.915 ha	Diocese de Santarém	parcial	venda
Porto Nacional (TO)	1.878 ha	Diocese de Porto Nacional	pleno	venda de parte
Bacabal (MA)	1.516 ha	Diocese de Bacabal	pleno	cessão gratuita
São João do Piauí (PI)	1.500 ha	Diocese de Oeiras-Floriano	nenhum	cessão gratuita
Barão de Grajaú (MA)	1.457 ha	Diocese de Caxias (MA)	parcial	desapropriação
Flores de Goiás (GO)	1.452 ha	Congregação dos Verbitas (SP)	parcial	venda
Canindé (CE)	1.419 ha	Arquidiocese de Fortaleza	pleno	desapropriação ou cessão gratuita
Chapadinha (MA)	1.400 ha	Diocese de Brejo	sem informações	desapropriação
Pedro II (PI)	1.255 ha	Diocese de Parnaíba	nenhum	venda
Utinga (BA)	1.199 ha	Diocese de Rui Barbosa	nenhum	desapropriação
Bom Jesus do Gurguéia (PI)	1.170 ha	Ordem dos Mercedários (RJ)	parcial	venda
Guaratuba (PR)	1.089 ha	Diocese de Paranaguá	parcial	desapropriação
Santa Cruz dos Milagres (PI)	1.075 ha	Arquidiocese de Teresina	parcial	desapropriação
Bacabal (MA)	1.022 ha	Diocese de Bacabal	pleno	cessão gratuita
Brejo (MA)	1.000 ha	Diocese de Brejo	sem informações	venda
Alto Parnaíba (MA)	900 ha	Diocese de Balsas	parcial	cessão gratuita
Balsas (MA)	866 ha	Diocese de Balsas	pleno	cessão gratuita
Campo Verde (MT)	821 ha	Arquidiocese de Cuiabá	parcial	venda
José de Freitas (PI)	802 ha	Diocese de Campo Maior	nenhum	desapropriação
Nuporanga (SP)	713 ha	Ordem dos Claretianos (SP)	pleno	venda
São Raimundo das Mangabeiras (MA)	700 ha	Diocese de Balsas	parcial	cessão gratuita
Alvarães (AM)	680 ha	Prelazia de Tefé	pleno	cessão gratuita
Amontada (CE)	600 ha	Diocese de Itapipoca	parcial	venda
Santa Maria da Boa Vista (PE)	600 ha	Diocese de Petrolina	parcial	desapropriação
Coroatá (MA)	550 ha	Diocese de Coroatá	pleno	cessão gratuita
São Luiz Gonzaga (MA)	545 ha	Diocese de Bacabal	pleno	cessão gratuita
Barra do Garças (MT)	500 ha	Irmãos da Sagrada Família (Passo Fundo)	nenhum	desapropriação
Tapurah (MT)	500 ha	Irmãs da Divina Providência (PA)	nenhum	desapropriação

REFORMA AGRÁRIA: *Missionários chegaram a Mato Grosso no início do século e hoje são defendidos pelos próprios índios*

Aquilino, o xavante que quer se tornar padre e ajudar tribo

Oswaldo já é professor, mas vai fazer vestibular e voltar para a aldeia

• GENERAL CARNEIRO (MT). Aquilino Burowe, de 36 anos, será o primeiro índio xavante a ser tornar padre. Com a ajuda dos salesianos da Fazenda Sangradouro, concluiu o curso de filosofia no fim de 1995, em Campo Grande (MS), e agora espera apenas o momento de ser mandado a São Paulo para estudar mais quatro anos de teologia e concluir sua formação. Aquilino sonha em voltar para as aldeias logo depois que for consagrado, para trabalhar nas missões salesianas.

— Meu pensamento está voltado para minha comunidade. Desde pequeno, sempre gostei do trabalho dos salesianos e sempre quis ser como eles. Minha única opção será voltar para trabalhar na evangelização dos indígenas.

Como seminarista, Aquilino já trabalha na tradução para a língua xavante das missas celebradas pelos salesianos na igreja da Missão São José. Único xavante com curso universitário, ele leciona português, história e geografia para alunos da 6ª à 8ª séries da Escola Indígena.

Seus sonhos são parecidos com o do professor-xavante Oswaldo Maradzuho, de 30 anos, formado na primeira turma de professores da Escola Indígena. Oswaldo quer fazer vestibular para pedagogia em Barra do Garças (MT), mas já decidiu que, ao se formar, vai voltar para trabalhar com os xavantes:

— Nasci na aldeia, aprendi tudo que sei aqui e acho que tenho de morrer aqui, ajudando os salesianos. Se não estivessem aqui, não haveria mais xavantes. ■

Sangradouro, exemplo de produtividade

Fazenda é a maior propriedade rural da Igreja no país, é auto-sustentável e ainda ensina os indígenas

• GENERAL CARNEIRO (MT). O padre italiano Sandro Giancola, de 42 anos, da Ordem dos Salesianos, é um dos grandes fazendeiros de Mato Grosso. No Brasil desde 1965, administra 1.400 cabeças de gado, 48 vacas leiteiras e lavouras de arroz, milho e mandioca na maior propriedade rural da Igreja no país: a Fazenda Sangradouro, a 280 quilômetros de Cuiabá. A produção tem destino certo: os 1.100 índios que vivem em quatro aldeias nos 11.210 hectares da propriedade.

Além de fazendeiro, padre Sandro é o diretor da primeira escola do Brasil a formar índios-professores, a Escola Indígena São José, e de um posto de saúde, que mantém a taxa de mortalidade dos xavantes entre as mais baixas do país. Desde o início do ano, 41 xavantes e um bororó — os primeiros a concluir os três anos do curso de formação de professores (equivalente ao Segundo Grau) — substituíram os professores brancos na Escola Indígena e lecionam português, matemática, história, geografia e educação religiosa para 300 índios das quatro aldeias da propriedade e em mais 70 aldeias da região.

Escola vai preparar técnicos agrícolas a partir de 1998

Este ano, os salesianos também passaram a ministrar um curso de enfermagem e em 1998 começam a preparar de técnicos agrícolas. Os missionários ainda pretendem criar até 2000 um curso de pedagogia, com a ajuda dos professores da Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande. Como os índios xavantes falam sua própria língua, a Escola Indígena, mantida com a ajuda do



ÍNDIA XAVANTE carrega o filho num cesto de folha de buriti: tradição lado a lado com a modernidade da parabólica

Governo de Mato Grosso, é a primeira bilíngüe do Brasil.

— Essa é a verdadeira função social da terra. Aqui, fazemos na prática o que se ensina na teoria — orgulha-se padre Sandro.

Os missionários salesianos chegaram ao interior de Mato Grosso em 1902, inicialmente para evangelizar apenas bororós. A fazenda, onde funciona a Missão Salesiana São José, foi comprada em 1906 para facilitar a aproxima-

ção com a tribo. Apesar disso, os xavantes são em maior número: dos 1.100 índios assistidos na fazenda, apenas 90 são bororós. Em todo o país, a tribo já não reúne mais nem mil índios.

Os xavantes, que no início do século viviam em Goiás, só chegaram à região na década de 50. Apesar de preservar boa parte das tradições, moram em casas de alvenaria construídas por voluntários italianos ligados aos sa-

lesianos. Numa tentativa de imitar as ocas, as casas são redondas e com teto de palha — como as salas da Escola Indígena — mas têm energia elétrica e até antenas parabólicas.

— Os chefes tiveram de estabelecer um horário em que é permitido assistir à televisão. As crianças estavam se influenciando e começando a se afastar das tradições — conta padre Sandro.

Apesar desse pequeno luxo, xa-

vantes e bororós continuam vivendo na pobreza. Não passam fome porque os 150 litros de leite são distribuídos, a carne também é dividida e o arroz é guardado nos depósitos para ser consumido durante o ano. Os índios ainda não conseguiram assimilar completamente o trabalho agrícola, e é por isso que apenas 104 hectares de terra são usados nas lavouras de mandioca e somente 38 hectares para plantio de milho e arroz. A colheita, que raramente ultrapassa os mil sacos por ano, poderia ser pelo menos dez vezes maior — até porque os salesianos têm quatro tratores.

— Ainda estamos tentando ensinar que não dá mais para viver como antigamente. Viver da caça, por exemplo, já se tornou impossível — diz padre Sandro.

Fazenda tem funcionários para o serviço especializado

O trabalho duro é realizado por seis funcionários: um boiadeiro, dois vaqueiros, um marceneiro, um tratorista e um lavrador. Dos seis, apenas um é índio: o bororó Elder Maridokiga, de 22 anos. Muitos xavantes sabem cuidar da lavoura e do gado, mas são poucos os que o fazem com a regularidade necessária.

Trabalham na missão cinco freiras, responsáveis pelo posto de saúde e por aulas de educação artística e corte e costura.

— Anos atrás, a Funai pensou em incorporar a fazenda à reserva dos xavantes e retirar os salesianos. Mas os próprios índios não quiseram abrir mão da ajuda. O trabalho dos salesianos merece a admiração da nação inteira — elogia o bispo de Barra do Garças (MT), dom Antônio Sarto. ■

Gustavo Miranda